

O peso relativo do vice

Luiz Orlando Carneiro *

Naquele tempo em que os principais partidos políticos atendiam pelas siglas perfeitamente identificáveis de PSD, UDN e PTB, os candidatos à vice-presidência da República tinham uma importância bem mais relevante no processo sucessório do que a participação meramente supletiva que se lhes atribui hoje.



É bem verdade que a Constituição de 1946 não exigia a eleição do vice, em virtude da eleição do presidente da República. O voto não era vinculado. Como se recorda, disso se aproveitou, em 1960, Jânio Quadros, que oficialmente apoiou seu companheiro de chapa Milton Campos, sem deixar de estimular a "chapa fria" com Jango Goulart (Jan-Jan) — afinal vencedora da eleição, e responsável pelos acontecimentos que conduziram o país ao 31 de março de 1964.

A importância do candidato à vice-presidência foi ainda mais evidente em 1955, na sucessão abalada pelo suicídio de Getúlio Vargas, um ano antes. Juscelino Kubitschek (PSD) foi eleito em coligação com o PTB, com pouco mais de três milhões de votos (36%), derrotando o udenista Juarez Távora (30%) e o populista Adhemar de Barros (26%). Seu companheiro de chapa, Jango Goulart, recebeu 600 mil votos a mais, não havendo dúvida de que, não fossem os votos de um PTB órfão de Vargas, apostando no futuro político de Goulart, Kubitschek dificilmente teria chegado ao Palácio do Catete.

No atual processo sucessório, como os partidos contam muito pouco, os candidatos ao Palácio do Planalto buscaram seus eventuais substitutos, tendo em vista, de um lado, uma maior penetração em colégios eleitorais considerados decisivos (São Paulo, Minas, Nordeste), e, de outro, a necessidade de adjetivar, sublinhando ou esmaecendo sua postura ideológica. Mas estão ou estarão os candidatos à vice-presidência influenciando significativamente na *performance* dos presidenciais?

O líder disparado das pesquisas de opinião, Fernando Collor de Mello, escolheu o senador Itamar Franco, quando ainda não desfrutava de uma posição tão confortável como a atual, de olho no eleitorado mineiro. Como o fenômeno

Collor é nacional, tudo indica que estaria hoje com os 39% das intenções de voto em Minas, com ou sem Itamar Franco (e com ou sem Márcia Kubitschek).

A candidatura Ulysses Guimarães continua perigosamente empacada. A opção à esquerda pelo nordestino Waldir Pires, que foi superestimado como nome de expressão nacional, não roubou votos de Mário Covas, e muito menos dos outros aspirantes decididamente de esquerda. As pesquisas não indicam, de outro lado, que o ex-governador da Bahia tenha aumentado as expectativas de votos de Ulysses Guimarães no Nordeste.

Leonel Brizola não conseguiu seu intento de penetrar em São Paulo escudado pelo líder metalúrgico Luis Antônio de Medeiros. Teve de contentar-se, pelo menos até o momento, com a candidatura nordestina do deputado Fernando Lyra. Apesar dos esforços do político de Caruaru, Brizola só conta com 5% nas pesquisas de voto em Pernambuco. No Nordeste como um todo, não passa de 6%.

A candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva teve mais problemas do que uma solução com a escolha do senador gaúcho José Paulo Bisol (ex-PMDB, ex-PSDB, agora no PSB) para fechar a chapa da Frente Brasil Popular (PT-PSB-PV-PC do B). Lula tem, no Rio Grande do Sul, apenas 5% das intenções de voto contra 42% de Leonel Brizola. O senador gaúcho vai ter de mostrar, primeiro em sua terra, que é capaz de atrair votos para Lula.

De todos os candidatos, Mário Covas parece ter escolhido o companheiro de chapa mais útil, tendo em vista o esforço que faz para enfrentar no segundo turno o favorito Collor de Mello, com os votos da esquerda e de um centro cada vez mais confiante na sua postura neocapitalista. A opção do PSDB pelo ex-governador Roberto Magalhães, como explicou o presidente do partido, Franco Montoro, não foi basicamente regional, mas por alguém "mais adequado ao perfil do eleitorado brasileiro, e que soma mais ao centro".

Se os candidatos à vice-presidência, constitucionalmente unidos aos cabeças de chapa, não conseguiram ainda exibir suas qualidades de grandes eleitores, resta esperar que, a partir de setembro, dois ou três deles saibam aproveitar o precioso tempo de que vão dispor nas redes de televisão para ajudar os presidenciais a esquentar o até agora morno processo sucessório.